

GADOTTI, Moacir. “Prefácio. Vigência das ideias de Freire”. In: PELANDRÉ, Nilcéia Lemos. *Ensinar e Aprender com Paulo Freire: 40 horas 40 anos depois*. São Paulo, Florianópolis: Cortez Editora, Instituto Paulo Freire, Editora da UFSC, 2002.

Prefácio

Vigência das ideias de Freire

Venho fazendo parte da história deste texto já há algum tempo, o que muito me permitiu aprender a atualizar Freire. Acompanhei a Nilcéia quando da definição do objeto de estudo, depois, estivemos em contato no desenrolar de sua pesquisa e, quando da conclusão, tive o prazer de participar da banda de defesa da tese, ainda em 1998, em Florianópolis. Hoje, sinto-me muito feliz, às vésperas de participar, em Milão, do Congresso Nacional Italiano “Paulo Freire, re-inventando un Messagio” preparatório ao III Fórum Paulo Freire de Los Angeles (setembro de 2002), ao receber o convite para apresentar este livro.

Nilcéia fez uma tese rigorosa, muito elogiada pela banda e a transformou num excelente livro que agora a “Biblioteca Freiriana” tem a honra de publicar. Ao lado desse fato está outro: a emoção de recordar Freire quarenta anos depois de sua experiência pedagógica de Angicos (1963). Mesmo ele não querendo ser conhecido apenas como um inventor de um método, suas intuições nesse campo continuam válidas e suas pegadas continuam sendo re-inventadas, permitindo a abertura de novas caminhadas. Avançamos com ele. O autor de *Pedagogia do Oprimido* ensinou a ler o mundo através da leitura das palavras. Sua práxis político-pedagógica marcou seus alfabetizando até hoje: a pesquisa de Nilcéia mostrou como a aprendizagem da língua escrita contribuiu para que os alfabetizando compreendessem melhor o contexto em que viviam, como, através do processo educativo, colocaram sua existência como objeto de estudo e a humanizaram ainda mais, porque a entenderam, porque se aproximaram mais criticamente da realidade, porque puderam “ser mais”.

Permanecem vivas até hoje as intuições fundamentais que orientaram a forma como Paulo Freire encarava o processo de alfabetização: a educação como produção e não meramente como transmissão do conhecimento; a defesa de uma educação para a liberdade como pré-condição da vida democrática; a recusa do autoritarismo, da manipulação, da ideologização que surge também ao estabelecer hierarquias rígidas entre o professor que sabe (e por isso ensina) e o aluno que tem que aprender (e por isso estuda); a defesa da educação como um ato de diálogo no descobrimento rigoroso, porém, por sua vez, imaginativo, de razão de ser das coisas, a noção de uma ciência aberta às necessidades populares e um planejamento comunitário e participativo.

Por isso, podemos falar, ainda hoje, com propriedade, de “Método Paulo Freire” como algo muito mais do que uma metodologia, do que uma técnica de ensinar. Trata-se de uma concepção geral de educação e sociedade.

Paulo nos ensinou que a qualidade em educação de jovens e adultos deve ser medida pelo atendimento às suas necessidades educacionais e culturais. Não se trata de “repassar” para eles um saber já cristalizado e elitista. Trata-se de construir junto com eles um novo saber, realmente libertador e significativo para o projeto de vida de cada um dos educandos-educadores, para viverem no mundo de hoje.

Os jovens e adultos trabalhadores lutam para superar suas condições de vida (moradia, saúde, alimentação, transporte, emprego, etc) que estão na raiz do problema do analfabetismo. O desemprego, os baixos salários e as péssimas condições de vida comprometem o seu processo de alfabetização. Falamos de “jovens e adultos” referindo-nos à “educação de adultos”, porque aqueles que frequentam os programas de educação de adultos, são majoritariamente jovens trabalhadores.

O analfabetismo é a expressão da pobreza, consequência de uma estrutura social injusta. Seria ingênuo combatê-lo setorialmente sem combater suas causas. A educação não muda estruturas sociais, mas transforma seres humanos que transformam a sociedade. É preciso partir do conhecimento das condições de vida do analfabeto, sejam elas as condições objetivas, como o salário, o emprego, a moradia, sejam as condições subjetivas, como a história de cada grupo, suas lutas, organização, conhecimento, habilidades, enfim, sua cultura.

Um programa de alfabetização de pessoas jovens e adultas, por essa razão, não pode ser avaliado apenas pelo seu rigor metodológico, mas pelo impacto gerado na qualidade de vida da população atingida. A educação de adultos está condicionada às possibilidades de uma transformação real das condições de vida do aluno-trabalhador. Os programas de educação de jovens e adultos estarão a meio caminho do fracasso se não levarem em conta essas premissas, sobretudo na formação do educador. O analfabetismo não é doença ou “erva daninha”, como se costumava dizer. É a negação de um direito ao lado da negação de outros direitos. O analfabetismo não é uma questão pedagógica, mas uma questão essencialmente política.

Toda vez que me convidam para falar sobre Paulo Freire ou escrever uma apresentação como a deste livro, fico revendo o que escrevi e consultando sua obra. E toda vez encontro alguma coisa nova na leitura de seus textos. Sua obra continua aberta, ajudando-nos a entender melhor o presente e o futuro. Este livro mostra não apenas a atualidade e a originalidade do Método Paulo Freire, mas também a atualidade do seu pensamento no contexto das perspectivas atuais da educação.

Muitas educadoras e educadores, reunidos em “Círculos de Cultura”, em Porto Alegre, de 25 a 30 de janeiro, durante o Fórum Social Mundial, com razão, referiam-se a Freire como o educador

mais coerente do século XX, cujas lições deverão continuar válidas por muito tempo. Eles lançaram um “Manifesto” que assim se inicia: “No século que findou, dois projetos de sociedade fracassaram relativamente ao processo civilizatório: um porque privilegiou o eu, eliminando o nós; o outro porque privilegiou o nós, desconsiderando o eu. Neste novo século, confrontam-se dois projetos antagônicos de sociedade: um subordina o social ao econômico e ao império do mercado; outro prioriza o social. Faz-se necessário construir um projeto de sociedade onde o ser humano seja resgatado na sua plenitude do eu e do nós, com base na prioridade do social sobre o econômico. Para que este novo mundo seja possível, é necessário que toda a humanidade entenda e aceite a educação transformadora como pré-condição. Esta educação tem como pressupostos o princípio de que ninguém ensina nada a ninguém e que todos aprendem em comunhão, a partir da leitura coletiva do mundo”.

Não se pode entender o pensamento pedagógico de Paulo Freire descolado de um projeto social e político. Por isso, não se pode “ser freiriano” apenas cultivando suas ideias. Isso exige, sobretudo, comprometer-se com a construção de um “outro mundo possível”. Como dizia ele, na página 86 da sua *Pedagogia da Autonomia*: “o mundo não é; o mundo está sendo”. Sua pedagogia crítica, como “pedagogia sem fronteiras”, seu método pedagógico, é um convite para transformar o mundo.

Paulo Freire colocou o oprimido no palco da história, pelo seu engajamento político e pela sua teoria como contra-narrativa ao discurso dos poderosos e privilegiados. Ela valorizava, além do saber científico elaborado, também o saber primeiro, o saber cotidiano. Sustentava que o aluno não registra em separado as significações educativas e cotidianas. Ao incorporar conhecimento, ele incorpora outras significações, tais como: como conhecer, como se produz e como a sociedade utiliza o conhecimento... enfim, o saber cotidiano do seu grupo social.

Uma noção que ele desenvolveu e que a distinguiu de toda a conotação neoliberal, era a noção de qualidade. Quando estava à frente da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo ele nos falava de uma “nova qualidade”. A qualidade como resultado de um processo onde todos (quantidade) têm acesso ao conhecimento. Qualidade, na perspectiva de uma sociedade com desenvolvimento e justiça social, significa empenho ético, compromisso político com a transformação social, alegria de aprender. Para o pensamento neoliberal, a qualidade se confunde com a competitividade. Os neoliberais negam a necessidade da solidariedade. Contudo, as pessoas não são competentes porque são competitivas, mas porque sabem enfrentar seus problemas cotidianos junto com os outros e não individualmente.

A força da obra de Paulo Freire não está na sua teoria do conhecimento, mas em ter insistido na ideia de que é possível, urgente e necessário mudar as coisas. Ele não só convenceu tantas pessoas em tantas partes do mundo pelas suas teorias e práticas, mas também porque

despertava neles a capacidade de sonhar com uma realidade mais humana, menos feia e mais justa. Ele foi uma espécie de “guardião da utopia”. Deixou-nos a utopia como legado.

É nesse legado de esperança que Nilcéia, quarenta anos depois de Angicos, retoma para nos fazer pensar e avançar com Freire.

*Moacir Gadotti*

Diretor do Instituto Paulo Freire